

O MEU ENCONTRO COM A PRIMEIRA MESTRA TECLA



Anossa vida é marcada por inúmeros encontros: encontros fugazes, que alegram a existência, encontros que criam amizade e comunhão; e encontros importantes que orientam o nosso caminho e se fixam fortemente na mente e no coração. Assim foi o meu primeiro encontro com a Primeira Mestra: deixou um sinal profundo em minha jovem vida. Estava em Alba, onde entrei com apenas 10 anos de idade, pouco antes do início da guerra. De forma rápida, o grande conflito impediu as comunicações e não me lembro de ter havido outros encontros com ela antes do fim da guerra. Haviam-me falado da Primeira Mestra, certamente, mas não me lembro de tê-la visto antes.

A guerra que havia destruído as nossas cidades, causado muitos lutos e devastado as estradas havia terminado fazia pouco tempo, quando, um dia, um longo tocar de sino convocou-nos para ir ao pátio. A Primeira Mestra tinha chegado de Roma, depois de uma viagem cheia de peripécias. Havia um grande vozerio, um corre-corre para o portão e, depois, uma explosão de alegria. A Primeira Mestra descia do carro todo empoirado e voltava seu rosto para os lados,

como se quisesse abraçar todas ao mesmo tempo com um só olhar. Conservo no coração aquela imagem, seus olhos profundos, o rosto sorridente e as suas primeiras palavras: «Estão todas bem?». Eu não era mais que uma menina, mas percebi o seu olhar sobre mim e, subitamente, senti o fascínio humano e espiritual. Jamais me esqueci daquele encontro.

Alguns anos depois fui a Roma para o noviciado e para estudar. Tive oportunidade de encontrá-la, sobretudo de vê-la quando, aos domingos, nos reuníamos no “estudo grande” e ela nos fazia dom de sua palavra que orientava a nossa vida, encorajava e também admoestava, quando era necessário, mas sempre com aquele olhar profundo e o rosto sorridente. Transmitia-nos o pensamento do Primeiro Mestre, nos estimulava a viver e a doar intensamente as nossas jovens vidas, a cultivar a oração, a união com Deus, a sentir fervor pelas almas. Informava sobre suas primeiras viagens ao exterior para visitar as novas fundações e nos comunicava as dificuldades e a coragem das irmãs distantes.

Falo ainda sobre sua visita ao meu local de trabalho, poucos dias depois de ter assumido a direção das Revistas catequéticas. Tinha pouco mais de 30 anos e pouca experiência, mesmo se havia começado imediatamente depois dos estudos na redação e na animação catequética. Ela chegou inesperadamente, com seu passo rápido e me perguntou como estava o nosso trabalho, informou-se sobre a publicidade da nova revista *Via Verità e Vita per la Famiglia*, que devíamos enviar às casas filiais, e deu-nos algumas sugestões para facilitar-lhe a acolhida.

As recordações se multiplicam, mas não posso alongar-me e narrá-las todas. Porém, tenho dela uma visão que sempre me aflora à mente e é aquela de sua atitude no santuário, onde permanecia longo tempo em oração, no último banco à esquerda, sob a grande cúpula. Ficava visivelmente em contemplação diante de Deus. Lembrando-a nasce no meu coração um profundo agradecimento ao Senhor por tê-la doado a nós, por eu tê-la encontrado, conhecido sempre melhor e por ela ter-me transmitido um grande desejo de viver em plenitude a vocação paulina

M. Agnes Quaglino, fsp